

59.5. FUNCHAL – PORTO

Sempre me fascinaram as nuvens, vistas do ar como castelos de neve, como montanhas de gelo em movimentos perpétuos, como flocos de açúcar a vogar no vento, como o algodão doce que se vendia nas feiras de antigamente. Fico sempre ensimesmado, fascino-me a observar as nuvens, de dentro do avião, como se ficassem eternamente imóveis tal como os gelos eternos e a neve no *Kilimanjaro*. Noutros casos, voam em direção oposta como se quisessem fugir ao seu volátil destino. Há-as de todos os tamanhos, cores e feitios e nunca sei como resistir ao desejo incontido de abrir a porta do avião e agarrá-las, apertá-las, esfarelá-las e, por fim, espalhá-las aos quatro ventos do mundo. Ainda hoje senti uma vontade irreprimível de ir fazer surf nelas, naquele imenso oceano de nuvens que separava o Funchal do Porto. Mas nos céus havia outras, muitas outras, mais altas e misteriosas, quase invisíveis e essas eram etéreas, pareciam farrapos de nada arrancados à vida. Sombras quase invisíveis, talvez espíritos, quem sabe? Eram fugazes como o tempo sem deixar rastros nem assinatura. Um dia, eu sei, irei com elas, mas ainda não posso, tenho uma viagem por acabar. Mas não irei sem aqui vos falar deste fascínio antigo que persigo sempre que estou a bordo dum avião. As que vi hoje eram um encanto, acumulavam-se como se uma enorme família de milhões e milhões de nuvens de todos os formatos, ora crescendo, ora reduzindo-se a fiapos, ora engrossando como enormes planícies de melancolia esbranquiçada que davam lugar a montes e montanhas.



Cirros – as mais comuns, altas, brancas, fibrosas, esbranquiçadas, com aspeto de penas ou flocos de lã. Pairam a 9 km, finas e compridas. Permitem inferir a direção do vento. Indicam bom tempo.



Cirros-cúmulos - bolinhas pequenas e brancas, ordenadas em bancos ou campos de nuvens. Constituídas por cristais de gelo, aparecem como puffs, redondos e brancos. Surgem individualmente ou em longas fileiras e ocupam grande porção de céu



Cirro-estratos - véu esbranquiçado, fibroso ou liso, de cristais de gelo. São finas e cobrem todo o céu. Como a luz atravessa os cristais, dá-se refração, originando halos. Surgem na aproximação de forte tempestade e previsão de chuva ou neve em 12 - 24h.



Altos-cúmulos - “carneirinhos”, novelos, de gotas de água líquida, com bordos claros e zonas sombreadas no interior, em faixas alongadas. Têm a forma de tufos de algodão e distinguem-se dos *cirros-cúmulos* porque apresentam um dos lados mais escuro que o outro. Numa manhã quente de verão é sinal de aparecimento de nuvens de trovoadas ao final da tarde.



Alto-estratos - véu uniforme, cinzento-azulado, raramente fibroso, através das quais o Sol e a Lua surgem como se os víssemos por um vidro fumado. Contêm gotículas de água e cristais de gelo, flocos de neve e gotas de chuva. Semelhantes aos *cirrostratos*, mais espessas, a altitude mais baixa, cobrem o céu, o Sol ténue sem halos. Para os distinguir é olhar para o chão e procurar sombras. Se existirem, não são *alto-estrato*.



Nimbo-estratos - espessas nuvens baixas, cinzentas-escuras, esfarrapadas, de chuva ou neve. A precipitação pode não atingir o solo. Compõem-se de chuva, flocos e cristais de neve, ou mistura. Estão associados a chuva contínua (fraca a moderada). Podem ser confundidos com alto-estrato mais grossos, mas os são de cinzento escuro e não se vê o Sol através deles



Estratocúmulos - nuvens brancas ou cinzentas, arredondadas, dispersas ou em bancos. Contêm partículas de gelo misturadas com gotas líquidas. Baixas em filas ou agrupadas, vê-se céu azul nos espaços. Produzem-se a partir de cúmulos no pôr-do-sol. Raramente causam precipitação, mas aguaceiros se se desenvolverem verticalmente e os topos atingirem temperaturas de -5 °C.



Estratos - típicas dos crepúsculos, baixas, alongadas e horizontais, em camadas uniformes, sem estrutura. São constituídas por gotas de água ou, se a temperatura for baixa, por partículas de gelo. Cobrem o céu e lembram nevoeiro que não chega a tocar no chão. Normalmente originam chuveiro.



Cúmulos - nuvens arredondadas no topo, majestosas, montanhas de algodão, base plana e quase horizontal. Indicam bom tempo e distam 1-2 km do solo. Surgem isoladas, distinguem-se dos *estrato-cúmulo* e têm o topo mais arredondado. São *de bom tempo*, surgem associadas a dias soalheiros.



Cúmulos-nimbos - Quando na parte superior dos cúmulos se forma a bigorna, granizo, neve ou gelo, obtém-se o Cúmulo-nimbo. São as mais vulgares e com grande variedade de formas, a mais vulgar a de um bocado de algodão. A base desde o branco até ao cinzento claro. São nuvens de tempestade, (trovoadas, aguaceiros, granizo e até tornados). Estendem-se desde os 600 m até à tropopausa (12 000 m).

Eu vi-as e elas fugiam sempre. Tinham medo de serem agarradas, até fugiam do meu olhar com medo de serem aprisionadas, ou devoradas por este monstro tonitruante de metal que as violava, perfurando-as como a espada de S. Jorge trespassara o Dragão. Ficavam para trás, todas doridas, descompostas, sem a dignidade com que as vira apenas uns segundos antes. Mas cedo se recompunham e recomeçavam novo ciclo através da água que a sua presença, quase sempre, augura. Se alguém as apanhar antes de mim, pode quebrar o ciclo vital. Podem, subitamente, deixar de acumular o orvalho da terra para converter em chuva que rega montanhas e faz jorrar os rios. Sem elas não há vida e não podemos interromper essa etapa, mesmo quando somos caçadores de nuvens frustrados.